

Planejamento Urbano e Regional

Bianca Camargo Martins
(Organizadora)

Bianca Camargo Martins

(Organizadora)

Planejamento Urbano e Regional

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P712	Planejamento urbano e regional [recurso eletrônico] / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-383-5 DOI 10.22533/at.ed.835190506 1. Planejamento urbano – Brasil. 2. Sociologia urbana. 3. Urbanização – Brasil. I. Martins, Bianca Camargo. CDD 307.760981
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A urbanização brasileira se deu de maneira rápida e desordenada. Em poucas décadas, o Brasil passou de um país predominante agrário para um país urbanizado. O descompasso entre o planejamento urbano e os altos índices do êxodo rural trouxe consequências graves para as cidades e para a qualidade de vida de seus habitantes que reverberam até os dias de hoje. Assim, a urbanização gerou uma ampla gama de demandas e processos de exclusão que se cristalizam nos desequilíbrios locais, regionais, urbano-rurais e urbanos.

Segundo dados do último Censo, a população urbana brasileira é de 160.925.792 habitantes, cerca de 85% da população total. Porém, grande parte da população ainda carece de acesso à moradia, ao saneamento, e à vida urbana de qualidade.

Na perspectiva do direito à cidade, torna-se fundamental articular as lutas em torno das necessidades de reprodução social e de um novo projeto de cidade. O direito à cidade é, então, uma promessa duradora de longínquo cumprimento, que reflete o desejo da sociedade contemporânea por um futuro onde as próximas gerações possam usufruir de condições urbanas melhores do que as atuais.

O foco da presente edição do livro “Planejamento Urbano e Regional” mostra a importância e a amplitude da discussão sobre o direito à cidade no contexto nacional. Os textos aqui contidos são um convite à reflexão e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, que socializam o acesso a estas importantes pesquisas e reflexões. Afinal, discutir a cidade é discutir cultura, economia, política, arte, meio ambiente e diversos outros temas fundamentais.

Acredito que os trabalhos aqui apresentados são de grande relevância para o meio acadêmico. Em tempos em que o futuro das políticas urbanas é obscurecido pela crise política atual, é imprescindível fomentar e valorizar a produção científica e o pensamento crítico sobre a vida nas cidades. Aproveite a leitura!

Bianca Camargo Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O ESTADO: RESGATE TEÓRICO E REFLEXÕES	
Raquel Dantas do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.8351905061	
CAPÍTULO 2	18
A EXPERIÊNCIA RECENTE DO URBANISMO E SUAS PERSPECTIVAS	
Fernando Antônio Santos de Souza	
Carolina Costa Déda Oliveira	
Pedro Antônio Almeida Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8351905062	
CAPÍTULO 3	29
CIDADES INTELIGENTES: TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) INSTRUMENTANDO O PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL	
Roberto Righi	
Roberta Betania Ferreira Squaiella	
DOI 10.22533/at.ed.8351905063	
CAPÍTULO 4	41
A TRANSFORMAÇÃO DE BAKU: MAPEAMENTO DE SETORES E ARCOS DE DESENVOLVIMENTO URBANO	
Danilo Firbida de Paula	
Maria Isabel Imbronito	
Adilson Costa Macedo	
DOI 10.22533/at.ed.8351905064	
CAPÍTULO 5	56
PLANEJAMENTO URBANO E O DESAFIO DA GESTÃO AMBIENTAL	
Rachel Figueiredo Viana Martins	
DOI 10.22533/at.ed.8351905065	
CAPÍTULO 6	70
IMPACTOS AMBIENTAIS E MEDIDAS COMPENSATÓRIAS AO USO E OCUPAÇÃO DESORDENADA DO SOLO URBANO DE UM BAIRRO DE PERIFERIA NA CIDADE DE BACABAL – MARANHÃO	
Roraima Silva Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.8351905066	
CAPÍTULO 7	84
CONFLITOS ENTRE OS INTERESSES PÚBLICO E PRIVADO NO PROCESSO DE IMPLEMENTAÇÃO DA OUTORGA ONEROSA DO DIREITO DE CONSTRUIR EM BELO HORIZONTE	
Reginaldo Magalhães de Almeida	
Juliana Lamego Balbino Nizza	
Lucas Isaac Fernandes	
Laís Moreira de Castro	
Julia Malard Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.8351905067	

CAPÍTULO 8	99
O ESPAÇO URBANO E A SEGREGAÇÃO SOCIAL E RACIAL EM MACAPÁ – AP	
Jacks de Mello Andrade Junior	
Eugénia da Luz Silva Foster	
DOI 10.22533/at.ed.8351905068	
CAPÍTULO 9	112
CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLOGIA DA AÇÃO ORGANIZADA PARA O PLANEJAMENTO URBANO: UMA ANÁLISE DA ATUAÇÃO DE ATORES METROPOLITANOS	
Natalia Aguiar Mol	
DOI 10.22533/at.ed.8351905069	
CAPÍTULO 10	130
O ACESSO A SERVIÇOS E O DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ANÁLISE ESPACIAL PARA OS MUNICÍPIOS MINEIROS NOS ANOS 2000 E 2010	
Geórgia Fernandes Barros	
Bethânia Maria Gonçalves Klier	
Marcelo Cambraia de Alvarenga	
DOI 10.22533/at.ed.83519050610	
CAPÍTULO 11	143
ASPECTOS METODOLÓGICOS PARA ANÁLISE DE ARRANJO URBANO-REGIONAL NA DIVISA DOS ESTADOS DE MINAS GERAIS E SÃO PAULO	
Maria Fabiana Lansac	
DOI 10.22533/at.ed.83519050611	
CAPÍTULO 12	165
TRANSPORTE E POLÍTICAS DE OCUPAÇÃO: O DESENVOLVIMENTO DA MESORREGIÃO NORDESTE DE MATO GROSSO	
João Augusto Dunck Dalosto	
Cássius Dunck Dalosto	
Antônio Pasqualetto	
Alex Sandro Pilatti	
DOI 10.22533/at.ed.83519050612	
CAPÍTULO 13	176
MODERNIDADE E COMUNICAÇÕES: MEIOS DE TRANSPORTE E O TERRITÓRIO URBANO	
Taís Schiavon	
DOI 10.22533/at.ed.83519050613	
CAPÍTULO 14	199
UM ENSAIO SOBRE AS VELHAS DINÂMICAS ESPACIAIS NOS NOVOS ESPAÇOS DO TRANSCARIOCA EM MADUREIRA	
Josielle Cíntia de Souza Rocha	
Maria de Lourdes Pinto Machado Costa	
DOI 10.22533/at.ed.83519050614	
CAPÍTULO 15	211
MAPA DOS SONS DO BAIXO SÃO FRANCISCO	
Walcler de Lima Mendes Junior	

DOI 10.22533/at.ed.83519050615

CAPÍTULO 16 221

ANÁLISE DO SISTEMA DE LOGÍSTICA REVERSA DE LÂMPADA FLUORESCENTE NA CIDADE DE SÃO PAULO

Samara Nicolau Puopolo

Cláudia Echevengua Teixeira

Ana Candida Melo Cavani Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.83519050616

CAPÍTULO 17 234

ESCALAS E CONFLITOS: ENTRELACE ENTRE EDUCAÇÃO E ARQUITETURA NO ENSINO DE PROJETO

Flora Fernandez

Alain Flandes

DOI 10.22533/at.ed.83519050617

CAPÍTULO 18 243

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL: PANORAMA GERAL DA ARQUITETURA E DO DESIGN NO NORDESTE BRASILEIRO

Andrea Carolino do Monte

Izabel Farias Batista Leite

Heitor de Andrade Silva

DOI 10.22533/at.ed.83519050618

CAPÍTULO 19 257

ANÁLISE DE PRÉ-REQUISITOS DA ETIQUETA PBE-EDIFICA DO BLOCO DOS PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

Francisco Caio Bezerra de Queiroz

Wiriany Kátia Ferreira Silva

Clara Ovídio de Medeiros Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.83519050619

SOBRE A ORGANIZADORA..... 267

UM ENSAIO SOBRE AS VELHAS DINÂMICAS ESPACIAIS NOS NOVOS ESPAÇOS DO TRANSCARIOCA EM MADUREIRA

Josielle Cíntia de Souza Rocha

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura e Urbanismo
Niterói – Rio de Janeiro

Maria de Lourdes Pinto Machado Costa

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura e Urbanismo
Niterói – Rio de Janeiro

RESUMO: Este ensaio apresenta um quadro de transformações vividas na cidade do Rio de Janeiro, na qual em uma década tornou-se sede de megaeventos, principalmente esportivos, creditando-os como propulsores de grandes projetos urbanos, em resposta a uma economia globalizada e flexível, viabilizada através de estratégias baseadas no *marketing*. Com efeito, a cidade passa por um processo de reestruturação urbana, acarretando profundos impactos. Eixos viários projetados para este fim cortam bairros de ocupação consolidada e de intensa vida urbana, como a exemplo, o corredor expresso Transcarioca, no trecho correspondente ao bairro de Madureira. Com base em tese de doutoramento em andamento, destacam-se as mudanças estruturantes na paisagem e a atual forma de (re) apropriação dos espaços, por parte dos habitantes e

usuários do bairro de Madureira, localizado na Zona Suburbana da cidade. A metodologia empregada na investigação condiz com uma abordagem conceitual, realizada através de bibliográfica temática e aquela concernente ao histórico sobre a evolução urbana dos espaços considerados, seguida de observação e coleta de dados para efetuar o cruzamento com o referencial teórico selecionado. Ao fim do texto, reflete-se sobre a hipótese da construção de novas identidades ou reafirmação daquelas existentes, ainda que estas transformações primam pela desconsideração da identidade local, bem como do consequente desdobramento dessas mudanças na vida cotidiana e nos novos hábitos da população envolvida.

PALAVRAS-CHAVE: centralidade; apropriação social do espaço; identidade.

ABSTRACT: This essay presents a scenery of transformations experienced in the city of Rio de Janeiro, where in a decade it became the focus of mega-events, specialty sports, crediting them as propellers of megaprojects, in response to a globalized and flexible economy, feasible through strategies based on marketing. In effect, the city suffers a process of urban restructuring with profound impacts. Roadways axes designed for this purpose cut neighborhoods of consolidated occupation and intense urban life, as for example, the Transcarioca expressway,

in the section corresponding to the district of Madureira. Based on a doctoral thesis in progress, this research emphasize the structural changes in the landscape and the current (re) appropriation of spaces by the inhabitants and users of the Madureira, located in the Suburban Zone of the city. The methodology employed in the research corresponds with a conceptual approach, realized through a thematic bibliography and the one relative the history of the urban evolution of the spaces in question, followed by observation and data collect to cross the theoretical referential selected. At the end, it is reflected on the hypothesis of the construction of new identities or reaffirmation of those existing, although these changes are based on the lack of consideration of the local identity, as well as the consequence of these changes in daily life and in the new habits of the population involved.

KEYWORDS: centrality; social appropriation of space; identity.

1 | INTRODUÇÃO

Esse trabalho é um ensaio cujo objetivo é uma reflexão sobre os temas que vem sendo discutidos na tese de doutoramento em desenvolvimento. É importante esclarecer, primeiramente, a escolha do gênero literário, o ensaio, que é guiado pelo senso comum, ou seja, uma mistura de instinto com experiência, bem como o fato de ser livre o bastante para circular entre os mais variados temas. Trata-se, portanto, do registro de experiências, de observações e reflexões extraídas da vida, assim, como surgiu a motivação pela escolha do tema a partir da aproximação e vivência experimentada na área-objeto da pesquisa, experiência tal que é inerente aos seres humanos, principalmente aos cidadãos, devido à sua própria condição.

Boa parte do nosso planeta é um imenso depósito de signos materiais conscientemente deixados no território por quem nos precedeu: cidades, vilarejos, casas, ruas, trilhas, canais, galerias, diques, terraços, desmatamentos, divisão de terrenos rurais e suas destinações aos cultivos específicos. Portanto, os territórios e as cidades que observamos são os resultados de um longo processo de seleção cumulativa, ainda em curso, considerados por muitos como um palimpsesto que é escrito, corrigido, apagado e acrescentado pelas diversas gerações (SECCHI, 2006) “o território é um palimpsesto: as diversas gerações o têm escrito, corrigido, apagado e acrescentado”. Nesse sentido, a cidade não é estática, mas um fenômeno em constante transformação. No curso de sua existência, geralmente ocorrem crescimentos, urbanizações, adaptações e readaptações de seus espaços, em princípio, na busca de torná-lo adequado às necessidades humanas, estas mesmas sujeitas a sucessivas mudanças.

Durante as últimas décadas, muito tem se discutido e investigado sobre as transformações dos espaços das urbes, em geral tomando como objeto de estudo centros históricos, regiões portuárias ou áreas que receberam obras de infraestrutura, quais sejam por terem passado por esvaziamentos em suas ocupações, seja em

razão de degradação ambiental, seja ainda por acolhimento de novas atividades ou construção de grandes estruturas, dentre outras razões. Destas transformações, pautadas na agenda de discussões sobre os grandes projetos urbanos, emergem importantes debates sobre a implantação de grandes obras de infraestrutura, principalmente, aquelas ligadas à mobilidade urbana. Conseqüentemente, surgem também discussões a respeito das desapropriações, remoções, demolições e o impacto causado para a população, soluções muitas vezes controversas adotadas para viabilizar tais empreendimentos, principalmente no que se refere à incorporação de suas particularidades e pluralidades.

As propostas surgidas se revestem do desconhecimento sobre o estilo de vida de seus habitantes, distanciadas de suas genuínas características, na praxe da efetivação de se construir e reconstruir espaços. As cidades vêm forjando imagens ou cenários, calcados em modelos exógenos, não locais, em detrimento da preservação de suas identidades, tecidas por várias gerações, no rastro da política de constituição de cidades “globais”, como na cidade do Rio de Janeiro.

Neste contexto, o presente trabalho apresenta um balanço do quadro das transformações vividas por esta cidade-símbolo do país que, sob gestão de governos de diferentes instâncias, ascendeu ao posto de sede de megaeventos, principalmente esportivos, creditando-os como propulsores de grandes projetos urbanos, que, na verdade, inserem-se na competitividade entre cidades, em resposta a uma economia globalizada e flexível, viabilizada através de estratégias baseadas no *marketing*. Assim, os governos municipal, estadual e federal investiram para que a cidade do Rio de Janeiro se habilitasse a esse posto nas Olimpíadas, tendo obtido êxito para o ano de 2016, sob o compromisso do Poder Público de ampliar a soma de investimentos, para suprir a cidade da estrutura requerida para o evento. Apesar dos diversos problemas e muitos desafios a serem enfrentados, prioritariamente nas áreas de segurança, transporte e saúde, a cidade passa por um processo de reestruturação urbana, que segue acarretando profundos impactos, como os observados nas intervenções em curso na região portuária, central da cidade, bem como em área onde passam os corredores expressos.

Nesse sentido, faz parte de nosso objetivo investigativo a implantação do corredor expresso Transcarioca, em que se destaca o quadro geral de mudanças estruturantes na configuração espacial e a atual forma de (re) apropriação dos espaços, por parte dos habitantes e usuários do bairro de Madureira, que é um dos bairros por onde a via passa. Nesse sentido, é importante ressaltar a dimensão da via expressa, uma estrutura que passa por 27 bairros: Barra da Tijuca, Jacarepaguá, Curicica, Cidade de Deus, Taquara, Tanque, Praça Seca, Campinho, Madureira, Cascadura, Engenheiro Leal, Turiaçu, Vaz Lobo, Vicente de Carvalho, Irajá, Vila da Penha, Vila Kosmos, Brás de Pina, Penha Circular, Penha, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Complexo do Alemão, Maré, Fundão e Galeão.

Pretendemos promover uma reflexão sobre os aspectos associados à perda

ou desvalorização da identidade local, em meio à possibilidade de construção de outras identidades, por sua vez, função das transformações observadas na dinâmica de produção de novos espaços urbanos. Entendemos que as imagens espaciais desempenham um importante papel na memória coletiva, em razão dos conhecimentos e valores culturais que resistem e permanecem, contribuindo para a afirmação da identidade predominante. Afirma Bauman (2005, p. 35) que as identidades estão livres e cabe a cada um capturar aquela que lhe convém, conferindo-lhe segurança e pertencimento. Mas, fruto das intervenções, as experiências urbanas decorrentes da dinâmica da sociedade sobre o espaço concedem também a esses indivíduos a possibilidade de escolhas, ou seja, o surgimento de “novas identidades”, de acordo com as variadas alternativas e com as relações sociais. Neste sentido, estas relações acontecem em lugares onde se processam a vida cotidiana, tendo o espaço urbano como suporte, que se torna local de coesão para determinado grupo social. Para Castells (1999, p. 22), a identidade é a fonte de significado e experiência de um povo.

A metodologia empregada na investigação condiz com uma abordagem conceitual, realizada através de bibliográfica temática e aquela concernente ao histórico sobre a evolução urbana dos aos espaços considerados, seguida de observação e coleta de dados para efetuar o cruzamento com o referencial teórico selecionado. O referencial em questão consolida-se pela constatação do entrelaçamento das relações existentes entre o processo de transformação dessa parte da cidade e a identidade pré e pós-existente, sob a perspectiva de possíveis construções, a partir do espaço transformado. Deste modo, esperamos, com esta reflexão, contribuir para a análise e a interpretação da produção dos novos espaços urbanos, no atual estágio do capitalismo de demanda planetária: as “celebrações mundiais”, sob a hipótese da construção de novas identidades, ainda que estas transformações primam pela desconsideração da identidade local e da autoimagem existente, bem como do conseqüente desdobramento dessas mudanças, a longo prazo, na vida cotidiana e nos novos hábitos da população envolvida.

2 | CARACTERIZAÇÃO DO BAIRRO DE MADUREIRA: CENTRO TRADICIONAL DE COMÉRCIO E SERVIÇOS

Madureira, bairro situado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, teve seu desenvolvimento atrelado à implantação da estrada férrea e inauguração de sua estação (1890), que possibilitou a ocupação do vetor de expansão da cidade rumo às áreas suburbanas. Em decorrência deste processo, a ocupação dessas áreas tomou uma forma linear ao longo da ferrovia, com maior concentração em torno das estações. Posteriormente, foram abertas ruas perpendiculares à estrada férrea, por isto, os centros destes bairros se encontram no entorno das estações ferroviárias (ABREU, 2006, p. 50). Segundo Bernardes (1990, p. 131) até as décadas de 1950/60, Madureira era um simples subúrbio residencial. A partir de então, teve um extraordinário

desenvolvimento, no qual a autora aponta alguns aspectos fundamentais para o desenvolvimento do bairro. Primeiramente, a sua localização limítrofe a uma zona densamente povoada com outra em plena expansão sem serviços para atender ao incremento populacional em processo. A segunda se refere a sua situação geográfica, ou seja, o bairro está numa área de estrangulamento do relevo (entre os morros de Inácio Dias e Juramento), onde passa dois ramais ferroviários (Estrada de Ferro Central do Brasil e Linha Auxiliar) com suas respectivas estações - Madureira e Magno -, servindo como tronco. Madureira, além de possuir dois ramais ferroviários, era servida por bonde, ônibus e lotação de onde parte grande número de vias de ligação com bairros suburbanos e Jacarepaguá, na Zona Oeste da cidade. Acrescenta-se aos dois aspectos apresentados, a posição de centralidade na cidade, visto que a área tem um “comércio numerosíssimo e muito variado, onde grande número de filiais do centro [...] se fazem representar, atesta a vitalidade de Madureira como subcentro comercial” (ibid, p. 131). Bernardes relata, ainda, a mudança na fisionomia das ruas próximas das estações ao se transformarem de residenciais para comerciais. A autora finaliza suas considerações sobre o bairro classificando-o como “importantíssimo subcentro regional, que deve sua vitalidade ao fato primordial de sua posição no contato da zona urbana com a zona suburbana” (ibid, p. 132).

Observamos com o exemplo citado acima, que, devido à expansão das cidades, emergiu a necessidade de uma reestruturação intraurbana na organização espacial das atividades econômicas cujo resultado imediato foi o desenvolvimento de novas centralidades, dentro do modelo “centro-periferia”. No debate que se refere aos processos de organização espacial da cidade, alguns autores apresentam importante contribuição (SPÓSITO, 1991; CORRÊA, 1997; VILLAÇA, 2001), principalmente no que se refere ao surgimento de subcentros, como concentração de atividades antes exclusivas dos centros tradicionais das cidades. Para Spósito (1991) os subcentros são áreas de concentração das mesmas atividades do centro tradicional principal das cidades, no entanto, com menos atividades especializadas, com uma localização, em sua maioria, distante do centro. Segundo Corrêa (1997), um dos processos de reorganização do espaço se refere à diminuição do grau de centralização do centro tradicional das cidades, resultando num processo de descentralização e formação de subcentros comerciais, que são identificados por constituírem áreas de concentração de trocas e circulação de mercadorias e dinheiro. Neste contexto, Villaça (2001) aponta o surgimento de subcentros, enquanto novas centralidades, em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte, ao tentar identificar a época em que alguns centros de bairros passaram a apresentar estabelecimentos de comércio e serviços, com índices significativos de quantidade, porte e variedade. A exemplo de Madureira, a partir da década de 1940, que em consequência da organização espacial vinculada a multiplicação dessas novas áreas com expressivas atividades comerciais, de serviços e fluxo passa a se identificar como uma centralidade. Abreu (2006) aponta que, em decorrência da grande expansão física da metrópole, na década de 1950, e

consequente aumento das distâncias entre o centro tradicional e as áreas residenciais suburbanas, possibilitou o desenvolvimento de subcentros como Madureira, que apresentou significativo incremento das atividades de comércio e serviços para servir aos bairros vizinhos e também à Baixada Fluminense.

De acordo com o art. 56 da Lei de Uso e Ocupação do Solo da Cidade do Rio de Janeiro, centralidade urbana se refere “a qualidade de um espaço para o qual convergem e onde se articulam funções e fluxos estruturadores do ambiente urbano e que exerce atração sobre os demais espaços da cidade, em diferentes graus ou hierarquias, em relação” (PCRJ, 2013) à: concentração e à diversidade de usos e atividades econômicas; oferta de transportes e à acessibilidade; disponibilidade de infraestrutura; concentração e à oferta de empregos; oferta habitacional, incluindo a de interesse social; contribuição para a economia da cidade. Desta forma, a Secretaria Municipal de Urbanismo classifica as centralidades existentes na cidade levando em consideração à concentração de atividades socioeconômicas e sua capacidade de atração, definindo assim como um “Centro de Alcance Metropolitano”; Madureira e Barra da Tijuca como “Centro de Alcance Municipal e Intermunicipal”; Méier, Tijuca e Santa Cruz como “Centro de Alcance Regional”; e Inhaúma e Flamengo como “Centro de Alcance Local”.

O surgimento e multiplicação dessas novas centralidades nas cidades são provocados pelo processo de descentralização vinculado a um sistema de organização da estrutura urbana aos moldes do capitalismo, por isto, o conceito de centralidade é normalmente apresentado com base em índices econômicos, tais como concentração de estabelecimentos comerciais, serviços, empregos e ou arrecadação de tributos. Porém, alguns autores contemporâneos apontam uma banalização desta hierarquia de centros e subcentros devido à aplicação de teorias como a Teoria das Localidades Centrais, Teoria de Centro-Periferia e Teoria dos Polos de Crescimento por tratar, da mesma forma, de diferentes contextos espaciais (SERPA, 2011, p. 100-101). Ainda segundo Serpa (ibid) a formação de novas centralidades tem um rebatimento na forma urbana, que é mais amplo que a simples acumulação de capital, pois esta, por sua vez, tem “caráter cumulativo” a partir de conteúdos diversos (modos de vida, situações diversas, rupturas do cotidiano, etc). Desta forma, o autor aponta que as centralidades estão baseadas “nas formas de reprodução da vida, no valor de uso e na apropriação, de qualidades e conteúdos diversos dos das localidades centrais” (ibid). Trata-se, portanto, de um “processo lento e cotidiano de apropriação espacial e se traduzem em formas urbanas com forte identificação com os habitantes dos bairros populares” (ibid, p. 103). A proposta aqui apresentada é, portanto, pensar as centralidades enquanto bases para a reprodução da vida cotidiana, analisadas à luz da relação agentes-espaço que produz identidades locais, como uma atualização do conceito, agora, baseado também em conteúdo de ordem qualitativa e simbólica, e não mais apenas em índices econômicos. Essas centralidades, sua população e usuários revelam, assim, o que denominamos de múltiplas identidades, aquelas que desde

suas origens têm se mostrado fundamentais na constituição identitária da cidade e que pretendemos exemplificar na próxima seção.

3 | ELEMENTOS FORMADORES DE UMA IDENTIDADE LOCAL EM MADUREIRA

Através de observação *in loco*, constatamos a forma como acontece a relação dos espaços públicos residuais das grandes vias que corta o bairro de Madureira e das passagens e travessias, bem como suas apropriações, que nos parecem bem peculiares. Destaca-se dessa observação, a relação que se encontra fortemente vinculada a aspectos físicos caracterizados pelos espaços residuais embaixo dos viadutos, passarelas, passagens e rampas que vai além de exemplares de espaços de circulação, passaram a corresponder à imagem desses lugares. Madureira representa um importante ponto nodal na cidade com reflexos não apenas em seus bairros suburbanos e Zona Oeste, mas também em cidades da Baixada Fluminense, tais como, Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti e Belford Roxo. Desta forma, o bairro confirma sua característica de centralidade através da acessibilidade e grau de influência, recentemente ampliado pela implantação de uma via expressa do sistema *Bus Rapid Transit* (BRT), o Transcarioca, com a construção das estações de parada de ônibus, Madureira e Mercadão, e a reforma e ampliação do Terminal de ônibus de Madureira. A construção de pistas de rolamento, viadutos, passarelas, passagens e rampas, bem como a adequação desses já existentes foram necessárias para integrar todo o sistema modal que já funcionava no lugar – estação ferroviária e terminal rodoviário – de modo a integrá-los ao novo sistema BRT. Notamos que essa ampliação de vias de circulação, tanto de veículos quanto de pedestres, ampliou e possibilitou novas formas de ocupação do espaço, que já eram típicas deste lugar.

Há muito se discute sobre o impacto das grandes obras rodoviaristas criando largas e extensas vias, viadutos e espaços residuais, principalmente no que se refere ao surgimento de espaços públicos considerados inóspitos e passaram a ser entendidos no debate como problemas no âmbito social e urbano. Jacobs (2000) inicia essa discussão ao revelar que à medida que as grandes vias e viadutos que cruzam as cidades tomam lugar dos espaços públicos, bem como dos lugares de encontro. Agrega-se a essa discussão a argumentação de Sennett (1993, p. 32) quando afirma que “o homem moderno perdeu a oportunidade da experimentação que as ruas lhe ofereciam por trocar o simples caminhar pela correria dos automóveis”, perdendo assim, a possibilidade do encontro. Esse homem moderno vive nas cidades das sociedades desenvolvidas e globalizadas onde há predominantemente a construção desses espaços de circulação e comunicação, lugares de fluxos a-históricos, destinados à mobilidade, denominados por Augé de “não-lugares” (1994). Esses lugares para Augé são considerados não lugares, pois não respondem a primeira vocação de um lugar, ser territorial, ter a possibilidade de criar identidades singulares e relações simbólicas, implicando, assim, na uniformidade e na generalização do espaço urbano.

Haesbaert (1999) compartilha do mesmo entendimento que há uma relação entre território e identidade ao afirmar que o primeiro não existe sem algum tipo de identificação e valoração simbólica, seja positiva ou negativa, do espaço pelos seus habitantes. A referência a um território é um dos aspectos fundamentais para a estruturação de uma identidade, que pode apresentar-se como uma forma, consciente ou não, de contraposição ao processo excludente engendrado pela globalização. Nesse mesmo sentido, Halbwachs (2006) aponta que o território é uma representação de identidade e memória, que é viva e não se trata de uma experiência iniciada e concluída no passado, mas sim algo que permanece vivo. Ressalta, ainda, que os grupos procuram projetar sua própria imagem no espaço, como se fosse um espelho. O espaço serve de depositário para os valores e modos de vida dos grupos (ibid).

Nesse sentido Bourdieu (1983, p. 82) aponta que “as diferentes posições que os grupos ocupam no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de diferenciação que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência”. Percebemos que essas espacialidades são consideradas exemplares da identidade local: os espaços embaixo dos viadutos ocupados por barracas comercializando roupas, sapatos, utensílios para casa e todo tipo de utilidades, e, mais recentemente, a transformação dessas áreas em bares, os quais se apropriam da própria estrutura das pistas como proteção das intempéries; as passarelas e rampas que abrigam um comércio considerado marginal ou ilegal pela administração pública, porém legitimado pelos transeuntes. Vale ressaltar que a origem desta forma de apropriação está atrelada aos aspectos socioeconômicos destes agentes, que, independente das relações estabelecidas na construção deste lugar, se manifesta na sua espacialidade. Entendemos, aqui, que apropriação se refere às formas de uso como resposta às necessidades, às intenções ou desejos, mesmo quando se referem a inadequações ou indícios de marginalidade ou ilegalidade. Podem, na verdade, indicar uma possibilidade de melhor aproveitamento dos espaços públicos de passagem e que podem fornecer subsídios para alimentar projetos de espaços desta natureza.



Fig. 1a – Ambulantes abaixo da rampa de acesso à estação de trem. Fotografia da autora. 02 dez. 2015.



Fig. 1b – Ambulantes na passarela de ligação entre as estações de trem e BRT. Fotografia da autora. 02 dez. 2015.



Fig. 1c – Comércio informal sob o viaduto do BRT. Fotografia da autora. 02 dez. 2015.

Fig. 1d – Viaduto Negirão de Lima: espaço de manifestação cultural e comércio informal em Madureira. Fotografia da autora. 02 dez. 2015.

Figura 1: Mosaico de diferentes focos de apropriação de passagens em Madureira.

Os exemplos apresentados anteriormente são evidências de elementos identitários fortemente marcados nos espaços urbanos de Madureira, traços que lhe conferem originalidade e singularidade. Compreende-se, aqui, o conceito de identidade como a fonte de significado e experiência de um povo” (CASTELLS, 1999, p. 22) e, neste sentido, cada um tem a livre escolha daquela que lhe convém, desde que lhe confira segurança e pertencimento (BAUMAN, 2005). Desta forma, as experiências urbanas, fruto das intervenções, decorrentes da dinâmica da sociedade sobre o espaço concedem também a esses indivíduos a possibilidade de escolhas, ou seja, o surgimento de “novas identidades”, de acordo com as variadas alternativas e com as relações sociais. A apropriação social dessas áreas demonstra que o fenômeno urbano presente no centro de Madureira, ruma na contramão do que ocorre em muitas localidades, espaços onde por vezes, se configuram como sem uso, ou apenas simples vias de transição ao longo do cotidiano da população, sem um caráter identitário, muito discutido por Jacobs (2000), Sennett (1993) e Augé (1994). Essa apropriação social do espaço exemplifica o que Haesbaert (1999) aponta como forma de resistência ao processo excludente da globalização a construção ou a manutenção de identidades:

“[...] resistir ao sem-sentido de uma sociedade globalmente mercantilizada e onde tudo é possível de transformar-se em valor contábil, ou seja, onde a primazia das relações e dos valores sociais está vinculada à acumulação de capital. Paralelo a esta mercantilização, a identidade também pode ressurgir como uma forma, consciente ou não, de contraposição ao processo excludente engendrado pela globalização”. (ibid, p.170-171).

Nessa perspectiva, acreditamos que a presença de ambulantes nas passarelas

e abaixo delas, ainda que já sabida a necessidade de produção de renda por estes grupos sociais, bem como de outros grupos com os quais se apropriam de espaços inóspitos no bairro, reforçam a condição de Madureira como lugar de comércio e de centralidade com elementos identitários peculiares, pois, segundo Haesbaert (ibid) um dos fatores fundamentais para a estruturação de uma identidade é a referência a um território, tanto simbólico quanto concreto. A presença destes elementos transcende o modus operandi de práticas transformadoras que culminam na homogeneização e desconsideração da identidade local.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto anteriormente, verificamos que Madureira se configura como espaço de representações simbólicas rico em significados que cumprem a função de expressarem as estruturas sociais, traduzindo-se pelas espacialidades através das quais a identidade ganha materialidade.

No momento atual, cuja discussão sobre cidade gira em torno do discurso da globalização, principalmente no que se refere a redefinição das funções das cidades e a competitividade entre as mesmas, que produz cada vez mais uma homogeneização através da produção de paisagens globais, a identidade local se torna fundamental como forma de resistência frente à primazia da imagem do cenário urbano globalizado.

Neste contexto, segundo Serpa (2011), parece difícil falar ainda de “lugares” como espaços vividos e da experiência, lugares que, de alguma maneira, subvertam ou questionem as lógicas hegemônicas de produção do espaço urbano nas metrópoles capitalistas. Parece, no entanto, que “lugares” existem e persistem nas “brechas” metropolitanas, sobretudo nas áreas populares das metrópoles. Ainda para o autor, “nos bairros populares das metrópoles capitalistas são os moradores os verdadeiros agentes de transformação do espaço. Eles se articulam em “rede”, não em uma rede única, mas em redes superpostas. [...] mostram que são múltiplas as representações desses espaços, entre os grupos/agentes que compõem suas redes de relações sociais. Descobre-se que os bairros são culturas transversais que abarcam muitas e múltiplas subculturas” (SERPA, 2011, p. 98).

Deste modo, a trajetória percorrida nesse ensaio reafirma a hipótese central da tese de doutoramento em estudo sobre uma possível contradição urbana: de um lado, um processo homogeneizador legitimado pelo empreendimento de grandes projetos urbanos em detrimento de uma economia capitalista globalizada; por outro lado surgem focos informais de resistência, ainda que “não intencionais”, os quais reforçam a presença de uma identidade local. Revela-se importante uma investigação aprofundada sobre este fenômeno no bairro de Madureira, tomada por uma perspectiva histórica e sociocultural, principalmente após algumas questões suscitadas durante a elaboração desse texto.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: IPP, 2006.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman**; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BERNARDES, Lysia M.C. **Rio de Janeiro: cidade e região**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Departamento Geral de Doc. e Inf. Cultural, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **Gostos de classe e estilos de vida**. In: ORTIZ, Renato (org.) Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade (A era da informação: economia, sociedade e cultura)**; v.2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 – artes do fazer**. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2011.
- COELHO, António Baptista. **Da valorização patrimonial a uma cuidadosa recharacterização urbana: ou mais uma reflexão sobre o “espírito do lugar”**. Revista Infohabitar: Lisboa, Encarnação – Olivais Norte. Ano XI, nº 528.
- CÔRREA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- HAESBAERT, Rogério. **Identidades territoriais**. In: Manifestações da cultura no espaço. (org.) Zeny Rosendahl, Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p.169-190.
- _____. **“Concepções de território para entender a desterritorialização”**. In: SANTOS, Milton et alli. Território Territórios. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGEO-UFF/AGB, 2002.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.
- LACAZE, Jean-Paul. **A Cidade e o Urbanismo**. Trad. de Magda Bigotte de Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- LUNGO, Mario. **Grandes proyectos urbanos: Una visión general**. In: _____. (Compilador). Grandes Proyectos Urbanos. 1. ed. San Salvador: UCA Editores, 2004. 245p. cap. 1, p. 15-68 (Estructuras y procesos. Série mayor; 24).
- PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Lei Complementar Nº 111/2011, Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável do Município do Rio de Janeiro**. Disponível em <www.rio.rj.gov.br> Acesso em 10 dez. 2015.
- _____. **Projeto de Lei Complementar Nº 33/2013. Lei de Uso e Ocupação do Solo – LUOS**. Disponível em <www.rio.rj.gov.br> Acesso em 10 dez. 2015.
- SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1988.
- SECCHI, Bernardo. **Primeira Lição de Urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: As Tirantias da Intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SERPA, Angelo. “**Lugar e centralidade em um contexto metropolitano**”. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2011.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão. **O centro e as formas de expressão da centralidade urbana**. *Revista de Geografia*, São Paulo, v. 10, p. 1-18, 1991.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

SOBRE A ORGANIZADORA

Bianca Camargo Martins: Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Especialista em Arquitetura e Design de Interiores pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e Mestranda em Planejamento e Governança Pública pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, onde desenvolve uma pesquisa sobre a viabilidade da implantação de habitação de interesse social na área central do Município de Ponta Grossa – PR. Há mais de cinco anos atua na área de planejamento urbano. É membra fundadora da Associação de Preservação do Patrimônio Cultural e Natural (APPAC). Atualmente é docente da Unicesumar, onde é responsável pelas disciplinas de urbanismo, desenho urbano e ateliê de projeto.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-383-5



9 788572 473835